

Tábua de Papel

EDITORIAL

Temos aqui mais um número de nosso informativo virtual sobre a literatura maranhense.

Neste número, temos a acadêmica Márcia Raquel Santana Dias em uma leitura do livro **Cinderela de Berlim e outros contos**, de Lenita Estrela de Sá. A também acadêmica Viviane Ferreira Mota faz um passeio pela obra de Ferreira Gullar, destacando alguns de seus muitos momentos literários. Ao mesmo tempo, Eudson Menezes traça um perfil literário do premiado escritor Ronaldo Costa Fernandes.

Temos também o destaque para o recentemente publicado livro do professor Ricardo Leão: **Os Atenienses: a invenção do cânone nacional**.

Como ilustração do talento de nos escritores, trazemos também uma crônica de Humberto de Campos e um belo poema de Catulo da Paixão Cearense.

O leitor poderá encontrar também notícias sobre as eleições para a Academia Maranhense de Letras, sobre o livro de Ruy Pontes e sobre o fechamento da livraria Athenas.

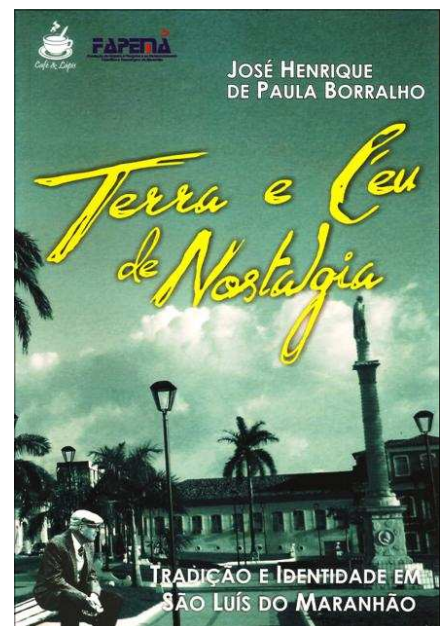
Boa leitura e até o próximo número.



leitura

de

Sugestões



Lenita Estrela de Sá e seus Retratos da Realidade

Por Marcia Raquel Santana Dias*

Lenita Estrela de Sá, em seu livro *Cinderela de Berlim e outras Histórias*, usa de algumas características do Realismo e do Naturalismo para mostrar problemas patológicos do cotidiano de seus personagens. Este livro, que tem a cidade de São Luís como palco principal incluindo o centro da cidade, a autora faz com que leitores ludovicenses envolvam-se na leitura através do cenário que é colocado como Rua da Paz, Coreto localizado na parte central da cidade, Praia Grande e algumas ruas do Centro Histórico, não esquecendo o condomínio Solar das Margaridas. Porém a obra desperta interesse não apenas pelo cenário, mas também pela baixa condição social da maioria das personagens que aparecem no livro e pelas críticas sociais que podem ser encontradas nos contos que compõem a obra. Na tessitura de seus textos, a escritora demonstra objetivismo ao enfatizar a realidade fiel em que estão mergulhadas suas personagens. Um exemplo disso é a composição da mulher numa visão real sem exaltação, lembrando o determinismo biológico a que se referem os adeptos do Naturalismo.

Lenita Estrela de Sá em sua obra usa uma linguagem simples retratando questões patológicas e sociais de personagens de classe baixa, marginalizadas e sofridas. No decorrer das narrativas pode-se observar que a autora coloca como patologias sociais o preconceito racial, como é o caso da negra Rosário, a marginalidade que é vista em Terezinha, mão de seda, Doginho, Filé-de-Borboleta e o sofrimento vivido por Roberval por não ter condições financeiras para dar uma vida melhor para família, para ficar apenas em alguns casos citados na obra. Mas também chamam a atenção temas como pobreza, drogas, adulté-



rio e inveja. Tais temáticas revelam que as personagens de *Cinderela de Berlim e outras Histórias* demonstram uma insatisfação com a própria vida. Elas têm sonhos mas não têm forças para buscarem a realização desses sonhos.

apesar de o espaço geográfico escolhido pela autora ser a cidade de São Luís, pode-se notar que essas questões sociais observadas na obra perpassam por todo o Brasil. Os contos de Lenita Estrela de Sá garantem ao leitor um espaço de interpretação, de tirar conclusões a respeito das obras.

Lenita Estrela de Sá é uma autora contemporânea que nos remete um envolvimento com sua obra faz com que nós leitores possamos também ser personagens de uma história da vida real por se tratar de fatos do cotidiano em seus contos retrata uma vida cheia de tormentos, que fazem com os personagens tenham problemas de existencialismo. Lenita Estrela de Sá faz de sua obra *Cinderela de Berlim e outras Histórias* um retrato da vida real.

* Marcia Raquel Santana Dias é aluna do sexto período de Letras da Faculdade Atenas Maranhense (FAMA)

NOTAS

ELEIÇÃO NA AML

Com o falecimento do historiador Carlos de Lima, sua cadeira na Academia Maranhenses de Letras ficou vaga e recebeu as inscrições dos postulantes à imortalidade acadêmica.

Dois fortes candidatos disputam a vaga: a promotora e poetisa Ana Luiza Almeida Ferro e o Jornalista e escritor Antônio Carlos.

Como sempre, a eleição é marcada pelo corpo-a-corpo entre os candidatos e os acadêmicos, em uma busca incessante de votos. Cada um dos candidatos conta com a simpatia de determinados eleitores, o que torna o resultado uma incógnita. Nos bastidores, os simpatizantes de ambos os candidatos se esforçam para conseguirem convencer os confrades da importância

Em breve, saberemos o resultado da disputa. Brevemente também, o professor Agostinho Marques, recentemente eleito, tomará posse na Casa de Antônio Lobo.

LIVRARIA ATHENAS DE PORTAS FECHADAS



Depois de mais de uma década servindo à população, a Livraria Athenas não resistiu às pressões do mercado e fechou suas portas.

Resta lamentar que em uma capital que carrega consigo o título de Atenas Brasileira o setor livreiro encontre tantas dificuldades. Aos poucos as livrarias vão perdendo seu espaço. Tantas delas já fecharam suas portas. Basta lembrar a Espaço Aberto, a Albatroz e agora a Athenas, entre tantas outras que sucumbiram à falta de pessoas dispostas a investir em livros.

LIVRO DE RUY PONTES

Já se encontra em algumas livrarias o livro *Entre a Pena e a Lei*, trabalho de estreia do professor Ruy Pontes.

O autor, graduado em Letras e acadêmicos de Direito, liga as letras artísticas e as jurídicas, em interessantes trabalhos que foram elaborados como atividades acadêmicas, mas que agora ganharam forma definitiva em na estrutura de um livro.

Vale a pena conferir!

PERFIL LITERÁRIO: Ronaldo Costa Fernandes

Por Eudson Sousa Menezes

Ronaldo Costa Fernandes nasceu em São Luís do Maranhão a 29 de agosto de 1952. Graduiu-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluiu também o mestrado em Literatura Hispano-Americana. Doutorou-se pela UnB com a apresentação da tese *A ideologia do personagem brasileiro*, que foi publicada em livro pela Editora da UnB em 2007. Residiu por nove anos em Caracas, na Venezuela, onde dirigiu o Centro de Estudos Brasileiro da Embaixada do Brasil. Foi também Coordenador da Funarte de Brasília de 1995 a 2003.

A produção literária de desse escritor transita entre romance, conto, poesia e ensaio. Seus dois primeiros romances são *João Rama* de

1979 e *Retratos falados* de 1984. Em 1998, com o romance *O Morto Solidário*, que foi traduzido e publicado para o espanhol, recebeu o Prêmio Casa de Las Américas. Em 1997, lançou o romance *Concerto para flauta e martelo*, que foi finalista do Prêmio Jabuti de 1998. E em 2005 publicou o romance *O viúvo* e, em 2010, trouxe à tona *Um homem é muito pouco*, seu mais recente romance.. No campo do ensaio, publicou, em 1996, *O Narrador do Romance*, laureado como Prêmio Austregésilo de Athayde, da UBE-RJ. Como poeta publicou *Estrangeiro* de 1997, *Terratreme* de 1998, *Andarilho* de 2000, *Eterno Passageiro*, de 2004 e *A Máquina das Mãos*, de 2009, livro com o qual recebeu o prêmio de Poesia da Academia de Letras em 2010. Como contista, publicou *Manual de Tortura*, 2007.



BANDEIRA

Minha bandeira é não dar bandeira.
Minha bandeira é o toque do silêncio,
a morte do soldado desconhecido
que sou.

Quem depositará flores
Neste monumento à minha batalha?
Minha ordem não tem progresso.

(do livro *A Máquina das Mãos*, pág. 44)

LIVRO EM DESTAQUE:

Os interessados nos estudos sobre a Literatura Maranhense contam com mais um livro que comenta, questiona e esclarece muitas dúvidas sobre nossa formação literária. Trata-se de **Os Atenienses: a invenção do cânone nacional**, de Ricardo Leão.

Fruto de muitos anos de pesquisa, o livro é o resultado da tese de doutoramento do autor e foi recentemente lançado pela Ética Editora.



Ao longo das quase 600 páginas, o leitor vai descobrindo como se deu a construção da identidade literária maranhense desde os primórdios de nossas letras até o grande “boom” da literatura maranhense no século XIX.

Amparado por diversos outros estudiosos, o pesquisador discute a formação de São Luís como cidade letrada e tece diversas críticas às leituras superficiais que foram disseminadas no decorrer da história literária maranhense.



A 8 de agosto, inicia a distribuição de avulsos ao público maranhense, anunciando a publicação de um novo jornal que escreveria em substituição ao Farol Maranhense, suspenso em função da detenção e recrutamento forçado de José Cândido.

(LEÃO, Ricardo. *Os atenienses: a invenção do cânone nacional*: Imperatriz: Ética, 2011. pág. 308)

Gullar dentro da vida veloz

*Por Viviane Ferreira Mota

José Ribamar Ferreira nasceu no dia 10 de setembro de 1930 em São Luís, mas ficou conhecido por seu nome literário - Ferreira Gullar - e é um dos maiores escritores da literatura brasileira contemporânea. De espírito inquieto, Gullar cruzou diversos momentos da poesia do século XX, desde o cordel, passando pela arte gráfica até atingir a poesia engajada. Ele participou da I Exposição Nacional de Arte Concreta, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, além de ser nomeado, em 1961, com a posse de Jânio Quadros, diretor da Fundação Cultural de Brasília.

Ingressou no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC). Publicou "João Boa-Morte, cabra marcado para morrer" e "Quem matou Aparecida". Assumiu, com essas publicações, uma nova atitude literária de engajamento político e social. Em 1966, escreveu a peça "Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come".

O livro *Dentro da Noite Veloz*, publicado em 1975, traz uma produção poética dos anos negros da Ditadura Militar, quando o poeta esteve no exílio. *Dentro da Noite Veloz* é assinalado por um pessimismo, mas um pessimismo funcional que lhe lança a frente, que lhe dá coragem. Dessa forma os elementos do cotidiano são poetizados com dor, por quem presenciou a angustiante degradação diante da impossibilidade da mudança.

Em 2002, Gullar foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura por nove

professores titulares de universidades de Brasil, Portugal e Estados Unidos.

Em dezembro o poeta recebeu o Prêmio Príncipe Claus, da Holanda, dado a artistas, escritores e instituições culturais de fora da Europa que contribuíram para mudar a sociedade, a arte ou a visão cultural de seu país. A edição 2010 do Prêmio Luís de Camões, o mais importante da língua portuguesa ficou com o brasileiro Ferreira Gullar.

Quanto à função da palavra, Alfredo Bosi comenta, que Ferreira Gullar "jamais ocultou a sua

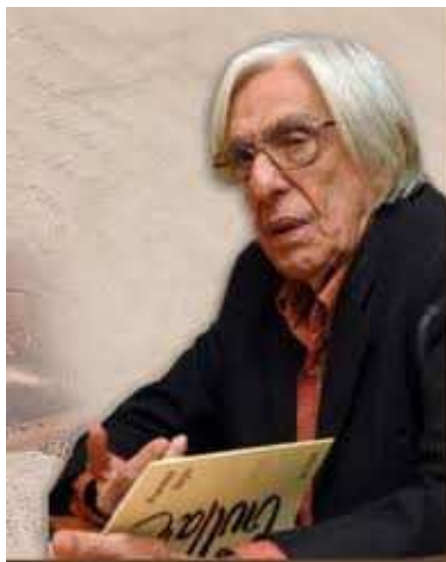
crença na função da arte como ponta de lança crítica da sociedade burguesa".

Assim a literatura de Gullar tem função social e, uma responsabilidade social. Ao abordar temas de interesse social Ferreira Gullar empreende uma verdadeira "poesia de resistência", e abre rumos para novas e ousadas experiências, o resultado é poesia comprometida com a condição humana, denunciadora da luta que se travou em decorrência de um estado opressor e degradante.

Gullar, o poeta que dá voz àqueles que não a detêm, utiliza-se de recursos e técnicas para que seus poemas fixassem, além do desespero que exprimem uma afirmação da vida que luta contra paredes asfixiantes, em busca da liberdade. Dessa forma, Gullar pode ser considerada escritor engajado na medida em que a partir de problemas concretos questiona a miséria, a fome e as injustiças sociais.

*Viviane Ferreira Mota é aluna do sexto período de Letras da Faculdade Atenas Maranhense (FAMA)

Fonte da imagem: internet



CRÔNICA: Humberto de Campos

EDUCAÇÃO ANTIGA

14 de fevereiro

As pessoas que desceram à cidade sexta-feira pela manhã, ouviram falar, com certeza, em uma vaia de que teria sido vítima, em plena Avenida, uma senhorita inconvenientemente vestida. Indignadas com a competência daquela atrevida, outras senhoras explodiram em exclamações admirativas, a que os homens, para agradar à maioria, deram seguimento, rompendo em assuada.

A mim, me custa a crer que isso tenha acontecido, por uma circunstância muito natural por não ser possível, mais, na cidade, uma "toilette" capaz de motivar surpresa. As que se exibem na Avenida impunemente, todos os dias, são de tal ordem, que, para causar escândalo, pasmo, admiração, seria preciso, não, apenas, tirar o vestido de cima da pele, mas tirar a pele de cima do corpo.

Comentava eu esse incidente, ontem, à noite, em uma roda de damas e cavalheiros, quando uma das senhoras menos jovens, Dona Ernestina Vale, procurou uma explicação para esse descabro:

- O motivo dessa falta de pudor de certas moças de hoje, - começou, perspicaz - deve ser atribuído, sr. conselheiro, aos próprios pais, ou, antes, às mães.

E expôs o seu pensamento:

- O senhor vê, hoje, como as mães vestem as crianças. Não há dia em que não encontremos na rua meninas de quatro, seis, oito e, até dez anos, com vestidinhos muito acima dos joelhos, com os bracinhos nus, o colozinho à mostra, numa exibição completa das suas carnesinhas tenras. Aos doze anos, já mocinhas, a "toilette" dessas criaturinhas apresenta pequena diferença. E como não tiveram, em criança, a noção do pudor físico, entram assim na mocidade, sem tentar esconder as partes do corpo que nunca lhes disseram que deviam ser escondidas.

- A senhora acha, então, que elas fazem isso sem maldade? - obtemperou o Dr. Austregésilo, tomando nota na carteira.

- Perfeitamente, doutor! Elas fazem isso com a maior inocência do mundo. Os índios não se apresentam inteiramente nus aos olhos dos civilizados? E não o fazem ingenuamente, inocentemente, por terem sido criados assim? Criemos as meninas com decoro, vestindo-as com discrição, e teremos moças discretas, pudicas, decorosas, ciosas do seu corpo e dos seus encantos.

E, dizendo-me isso, acrescentou, severa, calçando as luvas, deixando-me ver, pelo vestido decotado e sem mangas, dois sinaizinhos negros, quase imperceptíveis, que se lhe aninhavam um pouco abaixo das axilas:

- Assim é que eu fui criada!

(CAMPOS, Humberto. [Conselheiro XX]. *A serpente de Bronze*.)

Catulo da Paixão Cearense

A Flor do Maracujá

Encontrando-me com um sertanejo
Perto de um pé de maracujá
Eu lhe perguntei:
Diga-me caro sertanejo
Porque razão nasce roxa
A flor do maracujá?

Ah, pois então eu lhi conto
A estória que ouvi contá
A razão pro que nasci roxa
A flor do maracujá

Maracujá já foi branco
Eu posso inté lhe ajurá
Mais branco qui caridadi
Mais brando do que o luá

Quando a flor brotava nele
Lá pros cunfim do sertão
Maracujá parecia
Um ninho de argodão

Mais um dia, há muito tempo
Num meis que inté num mi alembro
Si foi maio, si foi junho
Si foi janero ou dezembro

Nosso sinhô Jesus Cristo
Foi condenado a morrer
Numa cruiz crucificado
Longe daqui como o quê

Pregaro cristo a martelo
E ao vê tamanha crueza
A natureza inteirinha
Pois-se a chorá di tristeza

Chorava us campu
As foia, as ribera
Sabiá também chorava
Nos gaio a laranjera

E havia junto da cruiz
Um pé de maracujá
Carregadinho de flor
Aos pé de nosso sinhô

I o sangue de Jesus Cristo
Sangui pisado de dô
Nus pé du maracujá
Tingia todas as flor

*Eis aqui seu moço
A estoria que eu vi contá
A razão proque nasce roxa
A flor do maracujá.*